

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAISAGENS COLONIAIS
12 de fevereiro de 2026

FRONTEIRA SUL DE ANGOLA - QUEDAS RUACANÁ - CONSTRUÇÃO DOS MARCOS / 192?

Realização: José Luís Gonçalves Canelhas / *Cópia:* Digital, a preto-e-branco, mudo / *Duração:* 6 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

GIRAUL-MOSSAMEDES-BIOPIO / 1948 (?)

Realização: autor desconhecido / *Cópia:* Digital, a cores, mudo / *Duração:* 5 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

LOURENÇO MARQUES / 1950

Realização: Felipe de Solms / *Produção:* Felipe de Solms, Ricardo Malheiro (A Câmara Municipal de Lourenço Marques) / *Fotografia:* Alfredo Gomes / *Locução:* Carlos de Jesus / *Consultoria Técnica:* Xavier Valente, Caetano Montez / *Efeitos Sonoros:* Jorge Alves / *Som:* Sousa Santos / *Montagem:* João Mendes / *Cópia:* Digital, a preto-e-branco, com som / *Duração:* 10 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS EM MOÇAMBIQUE / 1958

Realização: António de Melo Pereira / *Cópia:* Digital, a cores, com som / *Duração:* 18 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

O HOMEM E O TRABALHO (CABO VERDE) / 1960

Realização, Montagem: Miguel Spiguel / *Locução:* Pedro Moutinho / *Som:* Luís Barão / *Cópia:* Digital, a cores, com som / *Fotografia:* Aquilino Mendes / *Duração:* 15 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

CABINDA CASSINGA / 1969

Realização: J. N. Pascal-Angot / *Cópia:* Digital, a cores, com som / *Duração:* 16 minutos / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Duração aproximada da projeção: 70 minutos

Aviso: se a maioria dos filmes apresenta níveis diferentes de degradação da imagem, **O Homem e o Trabalho (Cabo Verde)** destaca-se nesta sessão pelo estado da sua banda sonora, em que um ruído persistente dificulta a audição da locução que acompanha as imagens.

Sessão com apresentação e seguida de conversa após projeção.

O aspeto geral que ganha relevo após a sessão terminar e estes filmes regressarem ao “arquivo colonial” de onde vieram, um acervo vivo que nos remete para uma época sob vários aspetos “morta”, é a secundarização dos ditos “indígenas” e a exaltação permanente, com adjetivos pomposos debitados pela locução radiofónica, dos feitos da nação em território ultramarino “a civilizar”. Trata-se de um conjunto de filmes de propaganda – mesmo os dois filmes amadores com que a sessão abre têm, inadvertidamente ou não, um propósito propagandístico – que pretendem projetar uma imagem de dinamismo e progresso, não necessariamente para inglês ver, mas, nalguns casos, para americano ver (veja-se a mal disfarçada vaidade presente no texto de **Cabinda Cassinga**, repleta de nomes estrangeiros, que nomeiam grandes máquinas de exploração petrolífera, meios de transporte de ponta e valores transacionáveis a uma escala internacional [avaliações feitas em dólares antes de em escudos]).

São filmes que registam algo mas, mais do que isso, que procuram “vender” uma imagem, por exemplo, e desde logo, a das colónias portuguesas em África como locais apetecíveis onde se possa viver. Quem possa viver? Não os autóctones, mas o público branco que claramente os tem como alvos. A sessão é construída para que uma narrativa de apropriação territorial, cultural e economicista ganhe forma, escondendo mal a feição marcadamente mercantilista do regime. Começa-se com a instalação dos marcos, num filme amador da autoria do capitão J. L. Canelhas, em que os trabalhadores negros ajudam o colono branco a erigir a pequena estrutura que identifica aquele pedaço de terra com um nome: Angola. As imagens exibem ainda outro tipo de controlo, esse mais invisível, pela forma como os nativos são forçados a posar para a câmara, dados a ver a nós, espectadores, como animais num zoo a céu aberto. **Giraul – Mossamedes – Biopio** é um interessante filme amador, realizado por um empregado da OMES (Obras Metálicas Electro-Soldados), em que aspetos relacionados com o pesado trabalho industrial se misturam com lampejos de uma airosa vida em família.

Depois, já com o carimbo da Agência Geral das Colónias, e em **Laurenço Marques**, atual Maputo, damos de caras com uma Europa transplantada – mais europeia do que muitas capitais propriamente europeias – que se instala em cimento e pedra, e com o desenho urbanístico nitidamente estado-novista tomando conta da paisagem. Todo o filme de Felipe de Solms, realizador espanhol ao serviço do Ministério das Colónias, aponta para a narrativa de que o que outrora era selva hoje é civilização. Só que neste retrato da capital de Moçambique acabamos por encontrar uma cidade habitada por brancos – portugueses em atividades recreativas – ao passo que os “indígenas” surgem como uma comunidade à parte, *aparentemente* bem tratada e feliz. É difícil não pensar num filme como **Costa dos Murmúrios** (2004) de Margarida Cardoso, ficção sobre as marcas pouco visíveis da guerra colonial na vida de um jovem casal, em que a comunidade portuguesa a viver em Moçambique parece habitar numa bolha perfeitamente higienizada. Planos largos, ausência de grandes planos e um elogio cândido ao progresso no texto lido em *over* participam de um movimento implacável que nada protege e tudo transforma em benefício de um só povo, de um só lado desta história.

Construção de Estradas em Moçambique, filme de propaganda realizado pelo produtor local, António de Melo Pereira, faz parte de umas “atualidades” mensais que pretendiam ilustrar a vida em Moçambique. É um filme de alto teor didático sobre técnicas modernas de pavimentação das estradas, em que os antigos caminhos de terra são substituídos por modernos tapetes asfálticos. A montante desta operação, o filme dá-nos a conhecer a atividade de um laboratório científico onde novas soluções são testadas para que Moçambique se torne uma nação de progresso (à imagem da metrópole, alega-se nas entrelinhas). A população negra é aqui estrategicamente representada como dócil, colaborante e verdadeiramente investida na modernização do país. O filme é didático e cientificamente frio, repleto de gestos de medi(a)ção e parametrização, os mesmos que se reproduziam no estudo etnográfico de tribos locais. A presença branca tem sempre este carácter “higienizador” e, ulteriormente, desumanizante.

Construção de Estradas em Moçambique é um filme sobre processos, ao passo que **Cabinda Cassinga**, por exemplo, é um filme sobre máquinas. Antes deste houve **O Homem e o Trabalho**, um *travelogue* sobre Cabo Verde, realizado pelo cineasta turco a viver em Portugal, Miguel Spiguel. É um filme enriquecido pela beleza natural do arquipélago, mostrando como a paisagem se implica no esforço de modernização do país. A ilustração do processo de cultivo e de transformação da cana de açúcar, da mandioca, de vários frutos, é seguida de um encadeamento, também gerado pela montagem, entre a

paisagem natural e a edificação de modernas infraestruturas, tais como um novo aeroporto e um porto na Ilha de São Vicente. Há um cuidado evidente neste filme em afirmar que o processo de modernização vem da paisagem vulcânica. “A violência da Natureza luta com a violência do Homem”, diz a locução, antecedendo uma sequência em que a rocha extraída da montanha, numa explosão violenta, é usada para a construção de novas e modernas infraestruturas.

Por fim, chegamos a **Cabinda Cassinga**, título que designa duas regiões bem distintas em Angola: uma primeira em que os portugueses e respetivos parceiros internacionais (destacando-se a mão americana) trabalham em diferentes modos de exploração petrolífera e uma segunda em que se canta a necessidade de obtenção de minérios como o ferro. “O ferro e o petróleo, dois músculos para o futuro de Angola”, conclui a locução. O mais interessante deste filme radica, em específico, num argumento retórico, utilizado pelo regime, de que no futuro próximo nenhum Homem será explorado; de que, antes pelo contrário, só a terra é explorada para a extração da suas riquezas várias. A câmara, instalada em helicópteros, vagões ferroviários ou em máquinas motorizadas conduzidas a alta velocidade, testemunha e consubstancia a automatização do trabalho. De novo, trata-se, em grande medida, de uma tentativa de higienização, desta feita, do trabalhador relativamente ao trabalho. É pelo menos isso que este filme do realizado belga J. N. Pascal-Angot, encomendado pelo Secretariado Nacional de Informação (SNI), procura veicular e vender ao seu público-alvo.

Luís Mendonça